

STEPHEN KINZER

Autor dos best-sellers *The Brothers*
e *Todos os Homens do Xá*



SENHOR
DOS **VENENOS**

A Busca de Sidney Gottlieb e
da CIA pelo Controle da Mente 



ALTA/CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

Senhor dos Venenos

Copyright © 2021 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.
ISBN: 978-85-5081-652-4

Translated from original Poisoner in Chief: Sidney Gottlieb and the CIA search for mind control. Copyright © 2019 by Stephen Kinzer. ISBN 978-1-2501-4043-2. This translation is published and sold by permission of Henry Holt and Company, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2021 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2021 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Accesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

K56s	Kinzer, Stephen
	Senhor dos Venenos: a busca de Sidney Gottlieb e da CIA pelo controle da mente / Stephen Kinzer ; traduzido por Carlos Bacci. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2021. 352 p. ; 16cm x 23cm.
	Tradução de: Poisoner in Chief Inclui índice e bibliografia. ISBN: 978-85-5081-652-4
	1. Biografia. 2. Sidney Gottlieb. I. Bacci, Carlos. II. Título.
2021-3464	CDD 920 CDU 929

Elaborado por Odílio Hilário Moreira Junior - CRB-8/9949



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Produção Editorial
Editora Alta Books

Gerência Comercial
Daniele Fonseca

Editor de Aquisição
José Rugeri
acquisition@altabooks.com.br

Produtores Editoriais
Maria de Lourdes Borges
Thales Silva
Thié Alves

Marketing Editorial
Livia Carvalho
Gabriela Carvalho
Thiago Brito
marketing@altabooks.com.br

Equipe de Design
Larissa Lima
Marcelli Ferreira
Paulo Gomes

Diretor Editorial
Anderson Vieira

Coordenação Financeira
Solange Souza

Produtor da Obra
Illysbelle Trajano

Equipe Ass. Editorial
Brenda Rodrigues
Caroline David
Luana Rodrigues
Mariana Portugal
Raquel Porto

Equipe Comercial
Adriana Baricelli
Daiana Costa
Fillipe Amorim
Kaique Luiz
Victor Hugo Moraes
Viviane Paiva

Atuaram na edição desta obra:

Tradução
Carlos Bacci


Copidesque
Igor Farias

Revisão Técnica
Flávio Rodrigues Barbosa
(Sociólogo e Cientista Político)

Revisão Gramatical
Kamilla Wozniak
Jana Araujo

Diagramação
Melanie Guerra

Capa
Marcelli Ferreira

 **Ouvidoria:** ouvidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



Amostra

SUMÁRIO

1. Eu Precisava de Algo Mais Desafiador	1
2. Negócio Sujo	11
3. Cobaias, Voluntárias ou Não	35
4. A Chave que Abriria as Portas do Universo	49
5. Abolindo a Consciência	75
6. Não é Permitida Nenhuma Interferência no Projeto MK-ULTRA	91
7. Caiu ou Pulou	109
8. Operação Clímax da Meia-noite	129
9. O Cogumelo Divino	153
10. A Comissão de Alteração da Saúde	169
11. Devemos Sempre Lembrar de Agradecer à CIA	185
12. Isso Tem que Morrer Conosco	199
13. Alguns Agentes Estavam Fora de Controle Naquela Época	213
14. Eu me Sinto Perseguido	231
15. Se Gottlieb For Condenado, Será a Primeira Vez	243
16. Você Nunca Vai Saber Quem Ele Realmente Era	263
Notas	281
Bibliografia	321
Índice	331

Amostra



SENHOR
DOS VENENOS

Amostra

Eu Precisava de Algo Mais Desafiador

Anos vagando por terras longínquas, sem saber quem nem o que virá pela frente! Eis uma visão que inflama qualquer alma aventureira. Durante a segunda metade do século XX, poucos norte-americanos tiveram almas tão inquietas quanto a de Sidney Gottlieb. Toda a sua carreira foi construída no mundo secreto de Washington. Ninguém sabia o que ele fazia, mas, em todo caso, isso lhe rendera uma aposentadoria bastante confortável.

Um homem de índole mais comum teria se contentado em passar seus últimos anos de vida relaxando, relembando os velhos tempos ou curtindo os netos. Esse não era o caso de Gottlieb, que tinha um espírito totalmente oposto ao estereótipo do servidor público. Ele morava em uma casa rústica e ecologicamente correta no meio do mato, com uma horta e um banheiro ao ar livre. Lá, meditava, escrevia poemas e criava cabras.

Gottlieb tinha apenas 54 anos quando se aposentou. Sua carreira teve um fim digno, com uma cerimônia na qual lhe foi concedida uma medalha pelos ótimos serviços prestados. Logo depois, ele e a mulher venderam a casa e quase tudo que possuíam. No outono de 1973, o casal partiu para uma aventura humanitária e espiritual. O plano era do tipo “deixe a vida me levar”: embarcar em um cargueiro em São Francisco e seguir a rota do navio. Eles não se interessavam por cartões-postais nem pelo turismo convencional. A família Gottlieb queria passar a velhice cuidando das pessoas mais carentes.

A Austrália foi a primeira parada. Depois de um tempo no país, o casal deu continuação à viagem. Após um ano de peregrinação, eles chegaram à Índia. Lá, souberam de um hospital que atendia vítimas de hanseníase e se ofereceram como voluntários. Vivendo entre os pacientes, eles passaram a cuidar dos párias da sociedade. Então, no verão de 1975, uma mensagem de Washington destruiu o mundo de Gottlieb. Alguém descobrira quem ele era. O Senado dos Estados Unidos queria interrogá-lo.

Nas duas décadas em que atuara na CIA [Agência Central de Inteligência], Gottlieb comandara a pesquisa mais sistemática da história sobre técnicas de controle da mente, bem como a produção de venenos. Havia um sigilo tão absoluto em torno do seu cargo que ele era praticamente invisível. Mas agora, precisava voltar. Devia prestar contas e, possivelmente, falar em público. Ele jamais teria imaginado um golpe tão violento do destino.

Logo após a chegada de Gottlieb a Washington, seus amigos disseram que ele precisava de um advogado. Um deles sugeriu Terry Lenzner, que havia atuado no Comitê Watergate, uma comissão do Senado. Gottlieb ligou para ele. Depois de conhecê-lo, Lenzner escreveu: “Estive com o Dr. Morte em pessoa.”

Durante muitos anos, Gottlieb supervisionou experimentos médicos e projetos de “interrogatório especial”, nos quais centenas de pessoas sofreram e, em muitos casos, perderam completamente seu equilíbrio mental. Até então, ninguém havia se encarregado desse tipo de trabalho com mais ambição e entusiasmo. Gottlieb se justificou dizendo que fizera tudo isso em nome da ciência e da pátria — até que, no último momento, caiu em si.

Nos anos que se seguiram ao relutante retorno de Gottlieb a Washington, vieram à tona muitas informações sobre seu trabalho. Ele prestou depoimento em duas rodadas de audiências no Senado. Mais tarde, teve que se defender de ações movidas por pessoas que alegavam estar entre suas vítimas. Mas ele não revelou quase nada além de que, antes de sair da CIA, havia destruído todos os registros das suas atividades. Gottlieb nunca foi condenado por nenhum crime. Em 1999, a cerimônia do seu funeral foi um evento fechado.

A morte de Gottlieb causou um rebuliço entre os redatores de obituários. O *New York Times* publicou uma nota circunspecta, com o título: MORRE SIDNEY GOTTLIEB AOS 80 ANOS; O HOMEM QUE LEVOU O LSD À CIA. O texto informava que Gottlieb era “um gênio que havia se dedicado a explorar as fronteiras da mente humana em nome do seu país e a procurar um sentido

religioso e espiritual em sua vida. Ele atuou por duas décadas como cientista sênior e esteve à frente de alguns dos segredos mais sombrios da CIA”. Já o obituário do *Los Angeles Times* começava assim: “James Bond tinha Q, o mago que fornecia ao 007 engenhocas magníficas para enfrentar os agentes inimigos. A CIA tinha Sidney Gottlieb.”

Outros veículos foram mais cáusticos. No obituário do iconoclasta site *Counterpunch*, lia-se: TRAFICANTE, ASSASSINO & CAFETÃO: MORRE O ENVENENADOR OFICIAL DOS EUA. Para outro redator, Gottlieb “está situado entre os Jekyll e os Hyde do século XX no imaginário norte-americano. Ao defender seu lugar nas verdes colinas da Virgínia e zelar pela segurança nacional com suas sessões experimentais de tortura, Gottlieb sempre se manteve fiel à cartilha positivista, segundo a qual a exploração racional e a disciplina produtiva só geram o bem”.

Na Grã-Bretanha, onde os obituários são famosos pela falta de restrições, o tom foi mordaz. O *Guardian* chamou Gottlieb de “tudo aquilo que se imagina de um cientista louco em um romance barato sobre a CIA — mas de verdade”. Para o *Independent*, ele fora “o melhor argumento para o discurso dos teóricos da conspiração de que não há nada, por mais cruel, insensato e lunático que seja, que as agências de inteligência, operando sem controle, não farão para vencer suas guerras secretas”. O *Times* foi bem mais longe:

Quando falou de um mundo “obscurecido pelas luzes sombrias da ciência pervertida”, Churchill se referia às terríveis experiências dos médicos nazistas com seres humanos nos campos de concentração. Mas esse comentário pode, com igual justiça, ser aplicado às atividades de Sidney Gottlieb, da CIA. De fato, as ações de Gottlieb e dos seus capangas da CIA só não foram iguais em escala às atividades que levaram vários cientistas nazistas para a forca em Nuremberg, em 1946... As drogas não foram as únicas armas de Gottlieb na luta contra os inimigos da CIA. Ele também se envolveu em assassinatos que hoje lembram uma peça de vingança da era jacobina.

Após a notoriedade gerada pela sua morte, Gottlieb voltou gradualmente ao esquecimento. Mas seu nome apareceu em alguns estudos históricos. Um deles relata que ele era “conhecido como o ‘bruxo das trevas’ por suas ações nas zonas mais sinistras da CIA. Um dos seus pés era torto, e isso facilitava muito as caricaturas, como a que sugeria um cruzamento entre um vilão do

007 e o Dr. Strangelove, um cientista que sempre queria ir mais longe sem se preocupar com as questões morais que surgiam ao longo do processo.” No livro *The World’s Worst: A Guide to the Most Disgusting, Hideous, Inept and Dangerous People, Places, and Things* [“O Pior do Mundo: Um guia para as pessoas, lugares e coisas mais repugnantes, medonhas, absurdas e perigosas da Terra”, em tradução livre], Gottlieb é chamado de “o mais louco dos cientistas loucos”. Com certa dose de sarcasmo, o autor reconhece que ele merecia crédito “por ter tido a inteligência de trabalhar para uma organização que não apenas permitia que ele envenenasse e assassinasse pessoas com tanta desenvoltura, como também o protegeu das consequências aplicáveis aos demais sociopatas”.

Gottlieb também faz uma rápida aparição em dois romances norte-americanos contemporâneos. Um retrato da vida no Congo, o livro *A Bíblia Envenenada*, de Barbara Kingsolver, refere-se ao papel dele no plano da CIA para assassinar o primeiro-ministro Patrice Lumumba: “Um cientista chamado Dr. Gottlieb foi contratado para produzir um veneno que causaria uma doença tão horrível (como disse o bom doutor, mais tarde, em depoimento ao Senado norte-americano) que, caso não o matasse de imediato, deixaria Lumumba desfigurado e incapacitado para governar.” Em *Harlot’s Ghost*, Norman Mailer escreve uma crônica frenética das ações secretas norte-americanas; em certo trecho, um personagem descobre uma carta de um agente fictício da CIA que, cheio de entusiasmo, descreve Gottlieb como alguém dotado de “um tino cósmico, interessado em tudo”.

Na década de 1960, Gottlieb comandava a Divisão de Serviços Técnicos, setor que desenvolve as ferramentas utilizadas pelos agentes da CIA. Situada em Washington, essa fábrica de apetrechos era bastante movimentada, e ele supervisionava centenas de cientistas e técnicos no mundo inteiro. Esse grupo criou uma variedade impressionante de “artigos para espionagem”, como um avião de borracha e um kit de fuga que ficava escondido em um supositório retal. Gottlieb e sua equipe forneciam ferramentas aos agentes que operavam na União Soviética e em dezenas de países.

“Nas últimas décadas do século XX, o aparato técnico mais crítico para a execução de praticamente todas as operações clandestinas dos EUA no mundo foi criado pela Divisão de Serviços Técnicos, sob a liderança de Gottlieb”, escreveu um dos seus sucessores. “No entanto, apesar do seu tempo de serviço público e das suas ações filantrópicas, Gottlieb sempre

estará vinculado ao período de dez anos do programa MK-ULTRA e às implicações sinistras de termos associados a drogas, LSD, assassinato e controle da mente.”

NOS SEUS PRIMEIROS vinte anos de vida, Sidney Gottlieb passava quase todo dia pela entrada lateral da James Monroe High School, no Bronx. Era inevitável. O imenso prédio da escola fica do outro lado da rua, em frente à casa geminada onde a família dele morava. Sempre que saía, ele via uma frase austera esculpida na fachada triangular do pórtico de pedra. É uma advertência do estadista britânico William Pitt: ONDE TERMINA A LEI, COMEÇA A TIRANIA.

Muitos moradores da região já haviam sentido essa verdade na pele. O bairro abrigava uma miscelânea de imigrantes, na maioria, judeus que emigraram para os EUA em busca de refúgio contra a opressão. Era o caso de Fanny e Louis Gottlieb, judeus ortodoxos de origem húngara que vieram da Europa central no início do século XX. Em Nova York, Louis Gottlieb encontrou trabalho na indústria têxtil, abriu um ateliê e conseguiu alugar metade de uma casa geminada na Boynton Avenue, 1333. Sidney, nascido em 3 de agosto de 1918, era o caçula dos quatro filhos do casal. Na época, a comunidade era bastante dinâmica. Como hoje, havia muito movimento na Westchester Avenue, a rua principal, que ficava a apenas dois quarteirões da casa dele. Muitos colegas de classe eram como Sidney: crianças inteligentes de famílias judias praticantes, ainda bastante imersas na experiência da imigração, mas ávidas por aproveitar as oportunidades disponíveis nos Estados Unidos. Como a maioria delas, Sidney aprendeu o hebraico, teve um bar mitzvá e estudou muito.

Porém, o jovem Sidney se destacava dos amigos em dois aspectos importantes. Primeiro, ele nasceu com os pés deformados. Um parente disse que a mãe não conteve o grito quando os viu pela primeira vez. Durante a maior parte da infância, ele não andou; era carregado pela mãe. O ateliê da família faturou o bastante para bancar três operações, parcialmente bem-sucedidas. Aos 12 anos, o menino andou sem aparelhos pela primeira vez. Nunca mais precisou deles, mas foi coxo a vida toda.

Outro desafio encarado por Sidney foi a gagueira. Em parte, talvez fosse uma reação às chacotas dos colegas de escola (segundo um relato, “violentíssimas”) sobre sua deficiência. Durante o ensino médio, no ostracismo e com o corpo marcado por cicatrizes, o rapaz era incapaz de andar e falar normalmente. Essas desvantagens teriam levado outro adolescente à frustração e à mortificação, mas Sidney saiu disso determinado a se destacar.

Em 1936, depois de concluir o ensino médio e seguindo os passos dos filhos mais ambiciosos dos imigrantes de Nova York, Sidney se matriculou na City College of New York, conhecida na época como a “Harvard do proletariado” devido ao excelente nível da educação gratuita da instituição. Lá, ele estudou alemão em nível avançado e obteve notas altas em matemática, física e química. Fez também dois cursos de oratória, evidentemente com o objetivo de superar a gagueira: “Exposição e Rudimentos da Fala” e “Declamação e Oratória”. Além disso, frequentou um curso de música — o início de um interesse em dança folclórica que cultivou como hobby por toda a vida, apesar de ter nascido com pés tortos (ou talvez por isso mesmo).

A City College não oferecia cursos de biologia agrícola, o campo que Sidney desejava seguir. Então, ele decidiu ir para uma universidade com um programa estrito nessa área. Como a Universidade de Wisconsin tinha um curso bem cotado, Sidney escreveu uma carta perguntando se era possível se matricular nele. A resposta foi curta, mas cordial, e terminava da seguinte forma: “Terei o maior prazer em ajudá-lo em tudo que puder.” A carta trazia a assinatura de Ira Baldwin, diretor-assistente da Faculdade de Agricultura. Essa data, 24 de fevereiro de 1937, foi o início de um relacionamento que seria crucial para o futuro da história secreta.

Para cursar matérias específicas e se qualificar para entrar na Universidade de Wisconsin, Gottlieb se matriculou na Arkansas Polytechnic College, a atual Arkansas Tech University. A pequena cidade de Russellville não tinha as ruas movimentadas do Bronx da sua infância, e o campus não era tão animado quanto o da City College, mas ele aproveitou os cursos: Botânica Geral, Química Orgânica, Conservação do Solo, Elementos Florestais e Princípios da Indústria Leiteira. Além disso, ele cantava no Glee Club. No anuário, Gottlieb é descrito como “um ianque que sabe agradar os sulistas”. Segundo uma coluna de fofocas do campus, ele andava sempre com uma colega, Lera Van Harmon. O colunista escreveu: “Parece que Harmon e

Gottlieb começaram um casinho. Mas, veja bem, Harmon, Nova York fica longe pra caramba.” Gottlieb estava indo cada vez mais além.

“Tenho mantido uma média A sem muita dificuldade”, escreveu ele a Ira Baldwin, no meio do ano escolar. “Logo, estou preparado para me dedicar ainda mais.”

O sucesso de Gottlieb no Arkansas lhe abriu as portas da Universidade de Wisconsin. Baldwin o recebeu, tornou-se seu mentor e o orientou por dois anos cheios de êxitos acadêmicos. Ele se formou em química. Chocado com as condições que vira nas fábricas de Nova York, incluindo na do pai, ele se associou a uma comunidade do campus, a Liga Socialista dos Jovens. O título do seu trabalho de conclusão do curso foi “Estudo sobre o Ácido Ascórbico no Feijão-fradinho”. Em 1940, Gottlieb se formou com distinção. Baldwin lhe deu uma ótima recomendação, mencionando seu “ligeiro problema na fala”, mas elogiando seu intelecto e caráter.

“O Sr. Gottlieb é um garoto judeu de primeira ordem”, escreveu ele. “Adapta-se com facilidade às situações que encontra e é, penso eu, estimado e respeitado por seus colegas de classe. Ele tem uma mente brilhante e é honesto, confiável, modesto e despretensioso.”

O desempenho acadêmico de Gottlieb e a recomendação de Baldwin foram suficientes para sua admissão na pós-graduação do Instituto de Tecnologia da Califórnia. Três anos depois, em 11 de junho de 1943, ele se doutorou em bioquímica. Nesse período, sua vida mudou em dois pontos importantes.

Primeiro, ele conheceu uma mulher muito diferente das pessoas com que crescera no Bronx. Margaret Moore era filha de um pastor presbiteriano. Ela havia nascido e crescido na Índia, onde seu pai pregava o evangelho, mas, desde a infância, rejeitava a ação missionária. Quando conheceu Gottlieb, ela estudava pedagogia infantil na Broadoaks School, em Pasadena, um campus da Whittier College no qual os futuros professores aprendiam as teorias progressistas de Maria Montessori e de outros progressistas. Aparentemente, os dois tinham muito pouco em comum, sendo, talvez, até opostos. No entanto, eles compartilhavam uma inquietação espiritual. Gottlieb se afastara do judaísmo que marcara sua infância. Margaret Moore atormentava o pai com perguntas incisivas sobre o cristianismo. Ambos buscavam uma compreensão da vida que ia além das respostas oferecidas pela religião

tradicional. Em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, eles resolveram fazer essa busca espiritual juntos.

“Alunos de pós-graduação não devem se casar, mas foi o que fizemos”, disse Margaret aos pais em uma breve carta. O casamento simbolizou o pouco-caso do casal diante das convenções: uma cerimônia civil simples, sem convidados nem festa. “Casar é algo que ocorre entre duas pessoas, não com uma multidão”, escreveu Margaret. Depois, ela complementou: “Como o pessoal do Sid quer um casamento judaico, vamos ter um casamento elegante de qualquer jeito. E já vamos estar casados na festa.”

Os pais da noiva, acostumados ao jeito independente da filha, aceitaram com alegria o casamento. “Ficamos muito empolgados quando recebemos um telegrama no dia 17 de setembro com a informação de que nossa Margaret havia se casado com Sidney Gottlieb no dia 16 de setembro em Pasadena”, escreveu a mãe dela a parentes depois de saber da notícia. “Se ela quer ser professora e ele quer trabalhar para o governo, sem dúvida a mesa vai ficar mais farta se eles ficarem juntos. Há tanta coisa acontecendo! Se eles têm um ao outro neste mundo cheio de tristeza, podem se considerar felizes.”

Outro evento decisivo para Gottlieb durante seus anos na Califórnia foi a declaração da sua inaptidão para o serviço militar. Ele estava no meio da pós-graduação quando o ataque japonês a Pearl Harbor causou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Os demais alunos se alistaram como voluntários nas forças armadas, mas Gottlieb permaneceu na Caltech até concluir seu doutorado, em 1943. Por essa época, ele tentou se alistar, acreditando que ser coxo não era um fator impeditivo. Ao ser rejeitado pelo Exército, ele ficou arrasado.

“Queria fazer a minha parte no esforço de guerra”, disse ele, algum tempo depois. “Para mim, era um dever, mas ninguém achou que eu estava em boas condições físicas.”

Sem direito a um uniforme militar, Gottlieb resolveu encontrar outra maneira de servir. No outono de 1943, Margaret e ele se mudaram para Takoma Park, em Maryland, um subúrbio de Washington. Lá, Gottlieb começou a pesquisar a estrutura química do solo orgânico para o Departamento de Agricultura. Depois, foi transferido para a Food and Drug Administration [agência governamental responsável pela fiscalização dos fármacos e alimentos consumidos nos Estados Unidos], onde desenvolveu

exames para medir a presença de drogas no corpo humano. Ele se destacou no órgão e atuou como perito em vários processos judiciais.

“Eu gostava de trabalhar na FDA, mas foi ficando repetitivo e, às vezes, bem monótono,” recordou ele, algum tempo depois. “Eu precisava de algo mais desafiador.”

Gottlieb não se fez de rogado. Em 1948, conseguiu um emprego no Conselho Nacional de Pesquisa, que integrava a National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine [Academias Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina, em tradução livre], uma organização sem fins lucrativos. Nessa instituição, ele estudou fitopatologias e fungicidas e teve contato, como disse mais tarde, “com um trabalho interessante sobre o uso de alcaloides do ergot [compostos produzidos por um fungo] como vasoconstritores e alucinógenos”. Logo depois, passou a atuar como pesquisador associado da Universidade de Maryland, estudando o metabolismo dos fungos.

“Nessa época, encontramos uma casinha muito antiga e rústica perto de Vienna, na Virgínia”, escreveu Margaret, anos depois. “Não havia eletricidade, água encanada nem nada requintado, mas tinha três carvalhos magníficos na propriedade; logo que vi, disse: ‘Aqui será a minha casa.’ Sid, um nativo de Nova York, achou que era loucura, mas o convenci de que sabia viver dessa maneira e de que era possível. Então, pedimos dinheiro emprestado a todos os nossos amigos para dar entrada no imóvel e nos mudamos com nossos dois bebês e o pouco que possuíamos.”

Em uma carta aos pais, um parente fez um relato bastante elogioso depois de passar quatro dias com a jovem família. “O mundo de Margaret é muito incomum e interessante — 6 hectares de floresta na Virgínia, uma pequena casa no meio da propriedade, a uns 30 quilômetros de Washington”, escreveu ele. “Sid é um grande homem, cheio de energia, iniciativa e inteligência, um perfeito cavalheiro e anfitrião, nunca inconveniente. Ele acabou de conseguir um emprego na Universidade de Maryland como químico pesquisador — é o chefe do próprio laboratório e está trabalhando em um problema relacionado a madeira para a marinha. Penny (4) e Rachel (1) são crianças lindas e angelicais. Eles têm um grupo interessante de amigos, e o futuro parece sorrir para a família. Margaret parecia estar muito à vontade e feliz. Ela gosta da vida no campo tanto quanto Sid; ninguém precisa se preocupar com ela, está tudo indo muito bem.”

O casal teve mais dois meninos. “Há tantos nomes bonitos que não podemos colocar neles, pois a família de Sid é judia e haveria ressentimento se escolhêssemos algo como John ou Mary”, escreveu Margaret à mãe. Os meninos foram chamados de Peter e Stephen. Gottlieb se estabeleceu confortavelmente na vida familiar.

“Sid está dando tudo de si; ele é maravilhoso”, escreveu Margaret enquanto amamentava um dos bebês. “Eu me sinto culpada de dormir enquanto ele ordenha as cabras.”

Mas, apesar da satisfação com a vida familiar, Gottlieb estava frustrado. Ele não sabia como dar um salto de excelência na modesta pesquisa que realizava sobre produtos farmacêuticos e compostos agrícolas. Ira Baldwin, seu mentor na Universidade de Wisconsin, havia encaminhado alguns ex-alunos para cargos interessantes durante a guerra, mas Gottlieb ainda era muito jovem. Tudo indicava que ele estava fadado a uma carreira como cientista em agências governamentais. E foi o que aconteceu — mas ele ainda não imaginava o tipo de ciência bizarra que praticaria no futuro.